



Lisboa de navegar

VISTA de cima, do mais alto do Castelo ou já a cavalo das nuvens, apareces-me, Lisboa, pousada no Tejo como uma cidade de navegar. Há ondas, âncoras, sereias, rosas-dos-ventos, desenhadas no chão das tuas ruas. O convés, em praça larga, com uma esfera armilar bordada a pedra da calçada, tem a comandá-lo duas colunas que fazem guarda de honra à proa e, pronto a passar entre elas para ir cavalgar os oceanos, está um rei montado num ginete verde. A seus pés vêm-se datas de descobrimentos e nomes de navegadores anotados a basalto no empedrado batido pelo sol; em frente é o rio de todos os meridianos. O tal Tejo de que falam os cronistas enlouquecidos, povoando-o de tritões cantadores montados em delfins.

Deixo a amurada sobre o Tejo, vou-me às ruas de labirinto, às avenidas e aos jardins, e a cada volta saltam-me na calçada ornatos, registos, figurações, que fazem dos empedrados artísticos de Lisboa uma leitura única e muitas vezes caprichosa.

Mas atenção: nesta cidade, entre os desenhos com que os mestres calceteiros ilustraram os caminhos e os azulejos de arte que se espelham nos prédios à nossa frente há um estranho entendimento. Uma pessoa pode levantar os olhos do chão e ver a figura que acabou de ter aos pés nas paredes duma rua, mas agora em cores vidradas. A borboleta policroma que eu deixei, em pedra miúda, num passeio de Alvalade aparece-me não tarda muito num friso de azulejos arte nova da Rua da Senhora do

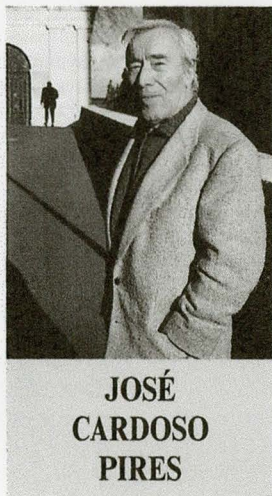
Monte ou num painel a relevo de Rafael Bordalo Pinheiro na Panificadoradora de Campo de Ourique. Mais adiante, Campo Grande, uma outra e já no Rego, rumo ao sul, mariposas entre flores num prédio da Rua Álvaro de Castro.

De flores em pedra do chão ou em pintura de azulejo está esta cidade cheia. Mas para lá de flores, símbolos de mar e outras representações há figuras misteriosas a ilustrá-la. Este relógio, por

exemplo, este relógio na calçada do Elevador de Santa Justa sei-o também algures, na Graça, mas em azulejo perdido no tempo — e perto dele, no empedrado duma «boutique», outro enigma: São Jorge e o Dragão-Diabo pontilhados a basalto na mesma composição que está em cerâmica vidrada num prédio da Rua D. Pedro V. A cidade repete-se?, pergunto.

Duvido. Uma cidade capaz de tantas variações sobre cada tema, longe de se repetir, confronta. E com isso só ganha unidade. Para mim, a Lisboa, que se diz de mármore e granito, é, antes, uma capital de calçadas em renda negra que se espelha nos azulejos dos muros em prodígios de cor e de brilhos.

Exacto. Uma cidade que, espelhando-se, se prolonga. Assim, deixo a geometria figurada que cobre o piso dos Restauradores e quando desço à estação do metropolitano encontro uma outra geometria a toda a extensão dos corredores. Também aqui o azulejo é um reflexo da paisagem lá de cima, dir-se-ia. A entrada, dois versos de Cesário; logo adiante, no Marquês de Pombal, uma galeria de desenhos de Menez ►



ANTÓNIO PEDRO FERREIRA

JOSÉ
CARDOSO
PIRES

► em homenagem ao reconstrutor da cidade e, noutro lugar, pinturas de Sá Nogueira a jogarem com frutos sumarentos.

Vou numa viagem de estações de arte, diz-me o olhar. Esta paragem, Cidade Universitária, tem a assinatura de Vieira da Silva sob a forma de um auto-retrato em figura de mocho que ela deixou lá no «hall». Em baixo, no apeadeiro, quedo-me a olhar um mural de figuras estranhas num horizonte de letras ao vento. E muito em discreto, quase por acaso, aparece no meio delas uma velha máquina de escrever com uma mão solta a sobrovoá-la.

Este objecto-reliquia, se não é, podia ser o ex-libris de um comboio subterrâneo que, entre dois versos de Cesário e um retrato de Camões no apeadeiro do Alto dos Moinhos, transita pela literatura dum país. Por toda a literatura, quero eu dizer: porque, na estação de Entrecampos, Bartolomeu dos Santos desenhou a água-forte uma biblioteca simbólica da escrita portuguesa desde o século XII até aos nossos dias, com lugar de honra para «Os Lusíadas» e para a «Ode Marítima». Mas não é só aqui que Camões e Pessoa aparecem lado a lado. Tornaremos a vê-los juntos neste metropolitano pela mão de Pomar, e nessa altura estarão acompanhados por Bocage e Almada, dois íntimos, como eles, de Lisboa, dois renovadores das nossas letras.

Se os metropolitanos são comboios cegos, este que agora me leva decidiu recusar-se a isso. Transporta-me em solidão subterrânea, é facto. Mas de paragem em paragem vai-me lembrando a cidade

que está por cima, a céu aberto, e identifica-se de tal modo com ela, com a memória e com a arte que a habita, que é já a terceira face de Lisboa.

Apeio-me aqui mesmo. Como última imagem levo a gaivota que Pomar desenhou na estação do Alto dos Moinhos e, talvez por causa dela, perco-me em direcção ao Tejo. No Caldas, do pátio dum palácio, saem-me ondas de mar largo desenhadas na calçada, e por aí fora, Belém, Ajuda, Praça das Indústrias, novamente mais mar. Cruzo-me com caravelas bordadas nos passeios à volta dos monumentos, na Avenida da República ou nos Mártires da Pátria, mas em Marvila e na Avenida das Forças Armadas as que me aparecem vêm em paisagem de azulejo.

Sigo à maré, deixo-me ir. Depois da gaivota do metropolitano vou dar com outra no empedrado da Duque de Loulé e uma outra a seguir, num azulejo do quiosque do Cais do Sodré. Continuo. No Terreiro do Paço sento-me num «snack», junto ao cais dos cacilheiros — e aí outra vez gaivotas, mais gaivotas. Levantam-se das águas num bailado de gritaria, do outro lado da vidraça que me separa do rio.

Sinto o pontão a ondular na água e fico-me a ouvir de memória o fado de Alexandre O'Neill: «Se uma gaivota viesse/trazer-me o céu de Lisboa...»

Mas já não há céu, céu e rio desapareceram por trás duma cortina de asas em desordem. E num momento assim, ternamente, confiadamente, qualquer amante de Lisboa se sente ainda mais ancorado à cidade que o está a ver partir.

